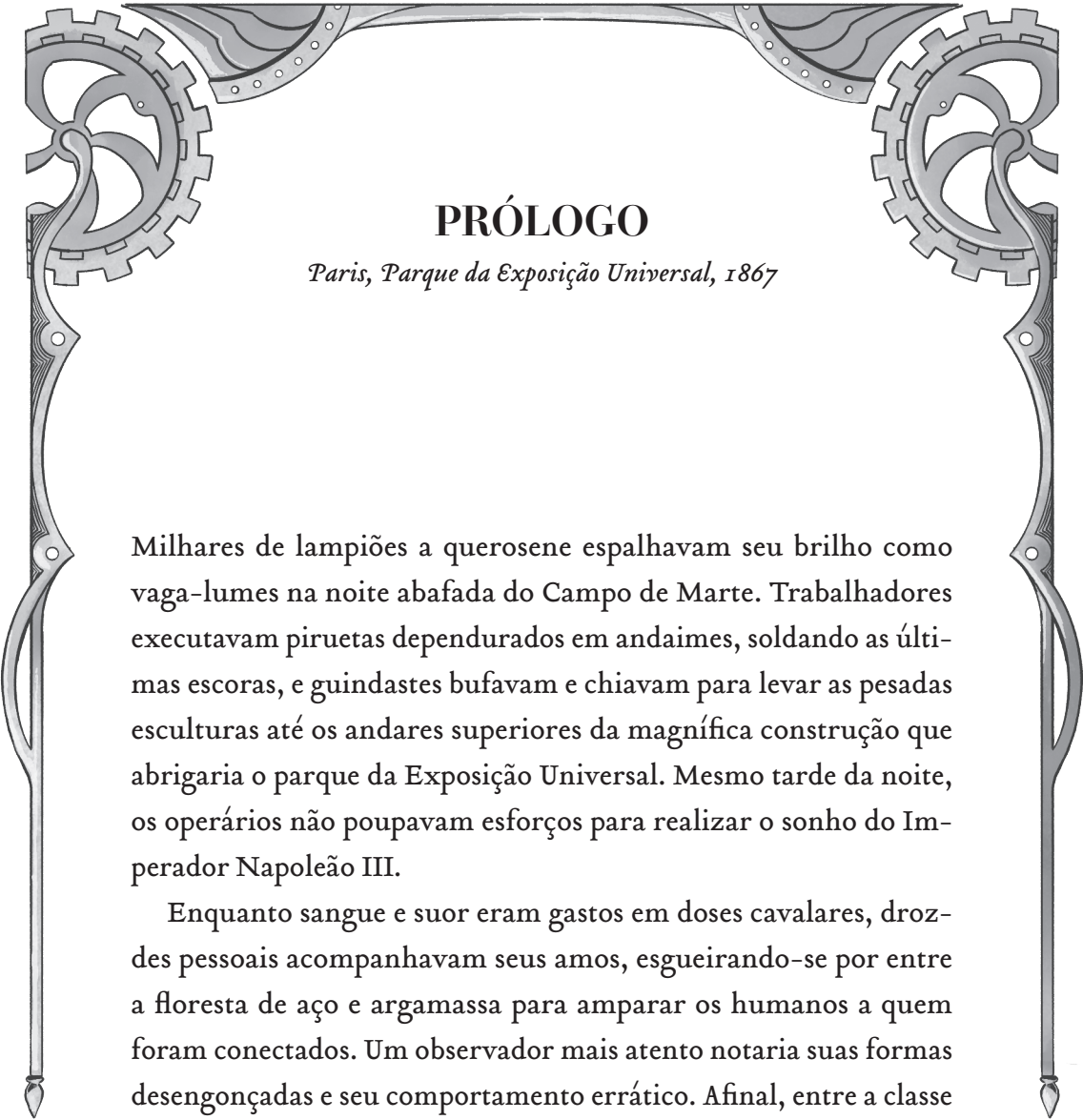




PRÓLOGO

Paris, Parque da Exposição Universal, 1867

Milhares de lampiões a querosene espalhavam seu brilho como vaga-lumes na noite abafada do Campo de Marte. Trabalhadores executavam piruetas dependurados em andaimes, soldando as últimas escoras, e guindastes bufavam e chiavam para levar as pesadas esculturas até os andares superiores da magnífica construção que abrigaria o parque da Exposição Universal. Mesmo tarde da noite, os operários não poupavam esforços para realizar o sonho do Imperador Napoleão III.

Enquanto sangue e suor eram gastos em doses cavaleares, drozdes pessoais acompanhavam seus amos, esgueirando-se por entre a floresta de aço e argamassa para amparar os humanos a quem foram conectados. Um observador mais atento notaria suas formas desengonçadas e seu comportamento errático. Afinal, entre a classe operária, autômatos complexos eram raros. Muitas vezes, o drozde não passava de um relógio mecânico sofisticado.

Construídos em latão ou zinco, ainda havia alguns de segunda mão, mas estes eram raros. Depois que o cristal de quartzo vibrava pela força das molas pela primeira vez, as minúsculas engrenagens reorientavam-se automaticamente, garantindo um compor-

tamento individual e único para cada autômato. Para os poetas, esta era a centelha da vida mecânica: sua personalidade era definida e o drozde afeiçoava-se ao amo, permanecendo eternamente ligado a ele. A troca era possível, mas efeitos colaterais bizarros e um comportamento um tanto quanto errático desestimulavam as tentativas. Entre a miríade de gatos, cachorros e pardais mecânicos *(uma verdadeira febre por drozdes pardais baseados em Ardonita¹ ocorrera havia uns dez anos, levando a fábrica do Monsieur Jaquet-Droz a produzir milhares deles. À maneira das manias de todos os lugares do mundo, o entusiasmo arrefeceu; depois de um tempo, os porões da fábrica acabaram abarrotados com a mercadoria encalhada. Como uma última medida desesperada para recuperar parte do investimento, Monsieur Jacques vendera os pardais a preços populares; agora, os pássaros habitavam boa parte das classes menos abastadas de Paris)*, o *professeur*² Verne e o *ingénieur*³ Dupond andavam de um lado para o outro com as pranchetas de anotação em punho, conferindo tudo nos mínimos detalhes. Um elegante basset metálico e um gato persa de bigodes dourados trotavam entre os dois homens, compartilhando com seus amos a ansiosa expectativa que parecia irradiar no canteiro de obras.

Afinal, em apenas seis dias a exposição seria aberta e cinco anos de planejamento seriam postos à prova.

Afastado do burburinho incessante e dos quilômetros de dutos de pressão por onde escapavam silvos agudos de vapor, um homem baixo e atarracado caminhava pela noite eterna dos corredores de apoio, que avançavam como um labirinto de portas e escadarias. O toc-toc da fina bengala de prata ressoava estranhamente agudo naquele espaço vazio, acompanhado apenas pelo roçar do longo e

elegante capote negro que esvoaçava rente ao soalho de madeira encerado.

Em seu ombro, junto à cartola negra, um drozde em forma de marmota ressonava, tranquilamente, enquanto suas patas traseiras escorregavam pela insígnia da coroa, que laureava a bandeira negra, branca e vermelha. O homem afagou a marmota com seus dedos grossos, piscando rápido. Os olhos rechonchudos, recobertos por um pincenê de aro dourado, eram vigilantes e atentos. O queixo fraco sustentava lábios finos, que carregavam uma piteira de âmbar, onde um cigarro deixava escapar a fumaça enrodilhada pela brasa acesa.

O andar do homem era curiosamente firme e descompromissado, como se estivesse passeando em Montmartre, ou se dirigindo ao *Café Anglais*, em vez de perambular pelos escritórios dos representantes estrangeiros da Exposição Universal, um lugar que deveria permanecer fechado e vazio durante a noite.

Uma luz cinzenta e pálida escapava da sua mão. O mecanismo, provavelmente um filamento de Woulfe-Lehmann alimentado por uma célula galvânica, distribuía sombras aranhosas pelos corredores opacos e o chão de tábuas, alongando a silhueta do homem atarracado e seu drozde até o início do corredor, onde um segundo homem o espreitava.

Outro andarilho nos corredores internos da exposição era algo tão improvável quanto a ausência do Imperador Napoleão III no badalado baile de abertura, dali a cinco noites, no Palácio das Tulherias. A sua presença só poderia ser explicada pelo seu comportamento, um tanto quanto suspeito, em vigiar o homem atarracado com os olhos semicerrados, como se buscasse enxergar por trás da máscara fleumática e dos seus passos confiantes.

As suas roupas estavam amarrotadas e empoeiradas, mas eram de boa qualidade. O chapéu-coco, da marca *Bingley & Sons*, era conhecido pela sua durabilidade, sendo possível encontrá-lo nas cabeças da maioria dos cidadãos parisienses naqueles dias. De abas um pouco mais largas do que o normal, o acessório ajudava a esconder os estranhos e grossos goggles, que ocultavam os olhos do sujeito. Graças a um intrincado jogo de lentes, o artefato capturava o máximo de luz possível do ambiente, o que lhe permitia rastrear sua presa a uma distância segura. E caso isso não bastasse, ele ainda podia contar com a ajuda segura do seu drozde coruja, que observava atentamente o corredor, empoleirado em seu ombro direito. Alheio à movimentação sigilosa que ocorria atrás de si, o homem atarracado repousou a elegante bengala e vasculhou com os olhos as portas que se seguiam, até que um quê de reconhecimento transpareceu em seu rosto. Levantando o bastão até a altura do queixo, ele bateu por duas vezes em uma porta e girou a maçaneta, desaparecendo em seu interior.

O seu perseguidor não perdeu tempo; assim que aquele desapareceu, ele avançou pelo corredor com os passos rápidos, sabendo que os sapatos com as micromolas senoides abafariam sua aproximação. Com a memória fotográfica treinada em inúmeras missões, ele se aproximou da porta recém-aberta do escritório com a confiança de quem não se enganaria em um detalhe tão prosaico.

Ao reconhecer o brasão pontilhado em um cartão preso na porta, o homem deu um passo para trás.

Foi o seu grande erro.

Uma mão em forma de garra apertou o seu pescoço, tão silenciosa, que seu atento drozde não percebeu, até ser tarde demais.

Piando baixo, o artefato em forma de coruja voou enquanto o seu amo lutava pela própria vida.

O homem tentou se livrar do abraço sufocante, mas o atacante era esguio e contorcia-se ao seu redor, impedindo que os seus braços musculosos encontrassem algum ponto de apoio. Ele tentou se virar, mas a dor no pescoço era excruciante: dedos longos e fortes, como torqueses, penetravam lentamente na carne mole, alcançando a traqueia e comprimindo a sua garganta até ele querer urrar, sem conseguir emitir um único som.

A coruja piou mais uma vez e o homem arfou, lutando com as suas últimas forças. Num gesto desesperado, ele abandonou as mãos do seu atacante e buscou no bolso do capote a pistola Lauermann, mas era tarde demais. Ele foi desarmado antes mesmo de poder engatilhar a arma.

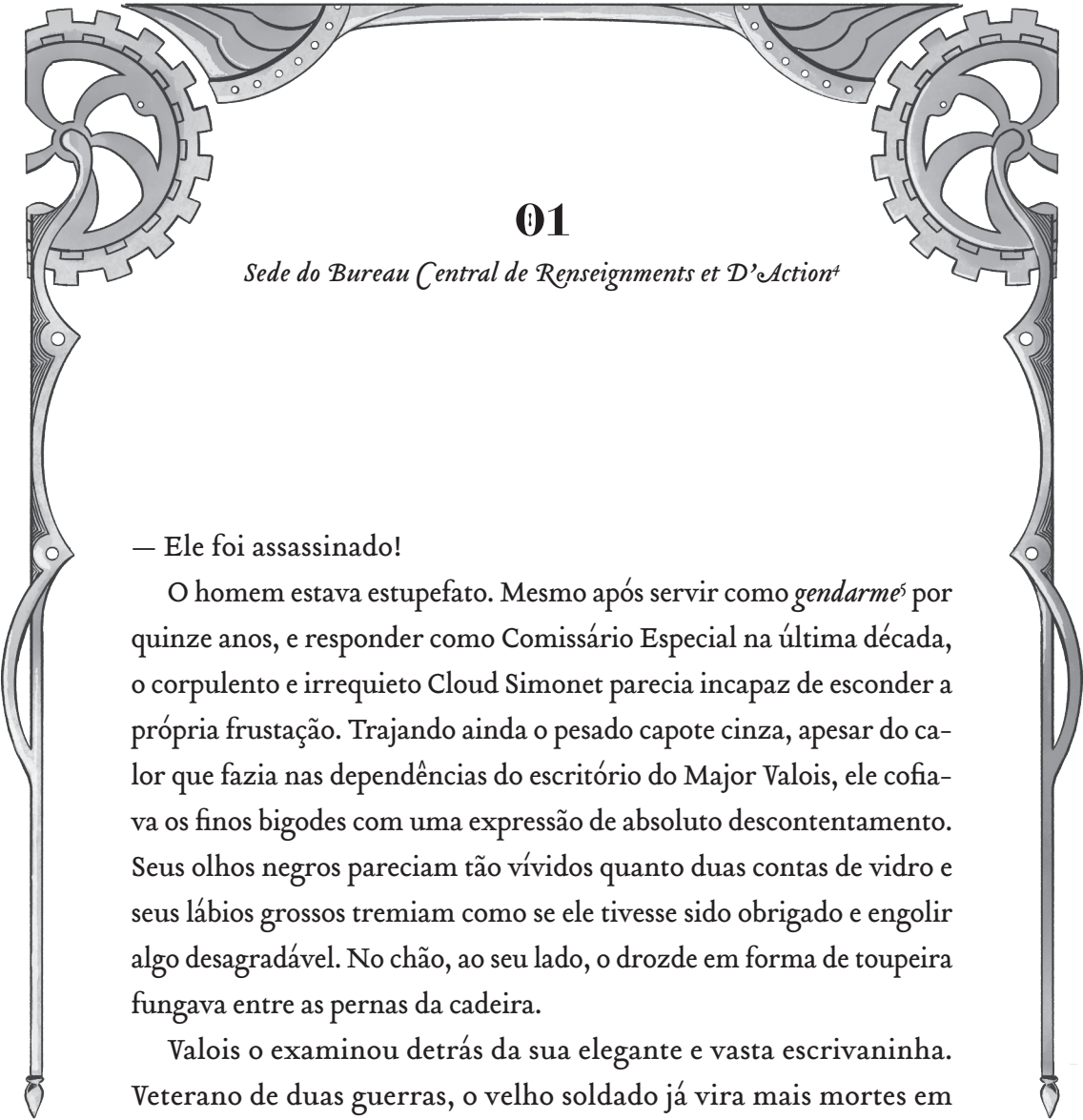
Um gemido engolido escapou quando seus sentidos esvaeceram e suas mãos descansaram ao redor do corpo.

Bastaram apenas alguns momentos para que o atacante terminasse o seu trabalho macabro, apertando os dedos até sentir a garganta estalar entre suas falanges. O corpo escorregou para o chão, ao lado da silhueta de um homem esguio e disforme, que trajava vestes justas. Os olhos eram tão fundos quanto poços e o seu dorso parecia estranhamente retraído, como se alguém tivesse escavado parte dos seus músculos abdominais.

Um sorriso malvado surgiu entre seus lábios finos e, com um salto atlético, ele alcançou o pequeno drozde coruja, que piava desesperado, sem entender o que estava acontecendo. Ele acariciou lentamente o pequeno artefato de cobre, como se o acalantasse da perda do amo.

Então, uma raiva corrosiva relampejou em seus olhos, e trouxe um brilho obscuro à suas faces escorridas. Com os dentes trincados, ele destruiu o drozde, socando-o repetidamente no chão, até vê-lo desmantelado entre seus dedos. A sua respiração se tornou audível por longos momentos e somente o silêncio escuro reverberou pelos corredores vazios.

Pouco depois, o sinistro som do arrastar de um corpo foi observado apenas pelas paredes e portas, testemunhas mudas de um assassinato feroz.



01

Sede do Bureau Central de Renseignements et D'Action⁴

— Ele foi assassinado!

O homem estava estupefato. Mesmo após servir como *gendarme*⁵ por quinze anos, e responder como Comissário Especial na última década, o corpulento e irrequieto Cloud Simonet parecia incapaz de esconder a própria frustração. Trajando ainda o pesado capote cinza, apesar do calor que fazia nas dependências do escritório do Major Valois, ele cofiava os finos bigodes com uma expressão de absoluto descontentamento. Seus olhos negros pareciam tão vívidos quanto duas contas de vidro e seus lábios grossos tremiam como se ele tivesse sido obrigado e engolir algo desagradável. No chão, ao seu lado, o drozde em forma de toupeira fungava entre as pernas da cadeira.

Valois o examinou detrás da sua elegante e vasta escrivaninha. Veterano de duas guerras, o velho soldado já vira mais mortes em períodos de paz do que nas lutas encarniçadas nas frentes de batalha e tinha pouca paciência para arroubos desse tipo. Suspirando fundo, ele olhou por entre as janelas de polideído, o material alquímico contrastando com a natureza selvagem do Lago Inferior, onde o Bureau estava assentado em sua ilha artificial. As flores dos cedros brancos estavam desabrochando na primavera e o parque

Bois de Boulogne tingia-se de roxos e lilases. Um odor almiscarado espalhava-se por entre os escritórios, graças às propriedades sudocapilares do polideído.

Um assobio fino se seguiu a um chacoalhar diletante, trazendo abruptamente o Major Valois à realidade. A *locomotive*⁶ pneumática, o orgulho máximo do Imperador Napoleão III, alcançara a estação na Suchet Boulevard, descarregando os seus inúmeros passageiros que se dirigiam ao centro comercial Montmorency ou que aproveitariam o dia ensolarado no parque. Por um momento, o som sibilado do escapamento do ar comprimido lhe lembrou o assovio letal dos morteiros chineses, e Valois apertou os dedos contra a palma da mão, em um gesto instintivo. Instalado havia cinco anos pelo *professeur* Verne, o sistema de transporte público ainda causava arrepios no Major.

Deixando de lado os papéis que havia recebido para examinar, o comandante da seção de Espionagem e Contraespionagem do *Bureau* esticou as costas arqueadas e se recostou na cadeira de espaldar alto, antes de perguntar:

— Quando?

— Ontem à noite, enquanto vigiava o Conde Dempewolf. O seu corpo foi encontrado boiando no Rio Sena, junto ao Port de la Bourdonnais. Fizemos algumas investigações, mas é impossível descobrir qualquer coisa desde que o Imperador começou a construir aquela *monstrueux*⁷! — reclamou, chateado.

Valois franziu o cenho enquanto abria um mapa de Paris em sua mesa. O Port de la Bourdonnais se tornara o mais movimentado da França nos últimos meses. Próximo ao Campo de Marte, o porto servia como ponto de entrada para os trabalhadores e materiais utilizados na construção dos pavilhões da Exposição Universal.

No entanto, o Rio Sena também era o principal afluente da vasta rede de canais que banhava a cidade. Desde o Grande Terremoto de 1829, quando as catacumbas ruíram e tragaram ruas e casas para as águas barrentas do Sena e do Rio Bièvre, os canais haviam se tornado o principal reduto da vida proscriita de Paris. Corpos desapareciam no fundo do rio e caixas de conteúdo suspeito eram vistas navegando por entre portos clandestinos e porões inundados. Com as correntezas e os dejetos que alimentavam as águas fétidas, era impossível saber onde fora desovado os restos mortais de qualquer um que encontrara o seu fim nos canais parisienses.

Valois chacoalhou os seus galões e o seu drozde gavião voou do ombro até o alto de uma prateleira, empoleirando-se entre vasos finos e o busto de Napoleão Bonaparte.

— O que o Conde está tramando?

Simonet baixou os olhos, sem encontrar uma resposta imediata. Ele se acomodou novamente na cadeira dura, incomodado pela opulência opressiva do escritório do Major, esparramada em quadros faustosos, lustres brilhantes, cascatas de daguerreótipos e estantes forradas de livros de capa dura. Depois de repuxar o colarinho, ele comentou:

— Não sabemos ainda, Major. O Bureau está seguindo o Conde desde o incidente em Nantes.

Valois acenou, passando os olhos pelo relatório que havia recebido mais cedo. Havia cerca de seis meses, um incêndio matara um mecânico em Nantes. Uma denúncia anônima implicara o Conde Dempewolf, mas nada fora provado. Mesmo assim, ele fora posto em vigilância, devido à sua ligação com Bismarck e a recém-fundada Confederação da Alemanha do Norte.

— O Conde tem passado os últimos meses em Paris, mas o motivo de suas ações nos escapa totalmente – continuou Simonet.

— Tudo o que sabemos é que a Confederação não vai participar da exposição.

— É claro que não – resmungou Valois com desdém. – Ele está aqui por um motivo diverso.

Com essas palavras, Valois se levantou, o que obrigou o Comissário a saltar da cadeira. Com o cenho franzido, o comandante da seção se virou para o extenso e detalhado mapa da Europa central que ocupava boa parte da parede às suas costas. O gavião mecânico se aproximou, girando o pescoço para o mapa, como se estivesse interessado.

— Esta é uma época perigosa, Comissário. Muito perigosa. A guerra entre a Áustria e a Prússia trouxe resultados inesperados.

— A derrota dos miseráveis austríacos – comentou Simonet.

— Nossos aliados – corrigiu Valois, irritado. – Assim como os estados germânicos independentes: Baden, Württemberg, Hesse-Darmstadt e a inigualável Bavaria! – completou, apontando o dedo sucessivamente para quatro regiões coloridas no mapa, a leste da França.

Ele sacudiu a cabeça e se virou para o Comissário:

— Bismarck reuniu os estados germânicos nortistas na sua maldita Confederação tutelada pelos prussianos. Duvido que ele simplesmente vá esquecer-se dos protetorados do sul.

— É pouco provável – admitiu Simonet.

Valois passou os dedos ossudos nas longas suíças antes de falar:

— Um novo império em nosso quintal é o pior cenário possível e um absoluto pesadelo diplomático. As nossas relações já andam

estremecidas com a Grã-Bretanha, e os russos estão mais preocupados com os levantes internos do que qualquer outra coisa – falou em tom de reclamação.

O Comissário apenas assentiu em silêncio.

— Na verdade, a morte do agente Pinard apenas confirma as nossas suspeitas – sentenciou Valois, misterioso. Ele assoviou brevemente para o gavião, que voou para a mesa.

O Major abriu uma portinhola no peito do pássaro mecânico com delicadeza, retirando um cilindro dourado do tamanho de um dedal. O drozde foi até a ponta da mesa e piou com desprezo para a toupeira dourada, que chacoalhou as engrenagens como se estivesse tremendo.

Valois retirou um papel enrodilhado de dentro do cilindro. Com a ponta dos dedos, ele releu a mensagem pela centésima vez antes de discutir o assunto com o Comissário:

— Ontem à noite recebemos este informe de nosso agente em Berlim. Ele entreouviu uma conversa; aparentemente, uma grande operação será colocada em prática nos próximos dias.

Uma máscara de preocupação cobriu os vastos bigodes de Simonet.

— O imperador corre perigo?

Valois apoiou os cotovelos na mesa, pensativo.

— Tudo é possível, Comissário. Nós tomamos algumas providências, é claro. A segurança foi reforçada, e nossos agentes estão conferindo qualquer um que se aproxime de Napoleão III. Mas, com a proximidade da Exposição Universal, temo que esses esforços sejam em vão.

O Comissário concordou com veemência. O Imperador era esperado tanto na Exposição quanto nos bailes e recepções que antecederiam o evento, que aspirava marcar a supremacia francesa na Eu-

ropa continental. Delegações de quase uma centena de países eram esperadas e milhares de visitantes se deslocavam para Paris naqueles dias. Era um trabalho gigantesco de organização e um absoluto pesadelo para as autoridades policiais e militares.

— Nestes tempos, a discrição é tão fundamental quanto as nossas brigadas. Afinal, não podemos confrontar o embaixador prussiano com uma informação sigilosa, obtida por um agente infiltrado. Mas precisamos descobrir o que o Conde está tramando, Comissário – completou, encarando o policial.

— Nossos homens estão...

— Eu quero Le Chevalier no caso – interrompeu Valois.

Simonet piscou os olhos, confuso. Por um momento, ele pensou em limpar os ouvidos – *Teria ouvido mal?* –, até que a sua mente processou o que o Major dissera.

— Senhor! O agente Le Chevalier foi afastado por...

— Eu sei por que o agente foi afastado, Comissário – disse Valois com frieza. – Fui eu quem assinou a ordem.

O Comissário ainda balbuciou:

— Mas, então... Eu não entendo... Ele...

— Não me importa o que aconteceu na América – retrucou Valois, irritado. – A esta altura, os relatórios daquele desgraçado do Supervisor Desjardins me são tão úteis quanto um corpo boiando nos canais. Há uma espada sobre nossas cabeças eu não vou prescindir da ajuda de nosso melhor agente.

Simonet esfregou as mãos, ainda em dúvida. O gavião drozde pulou na mesa e olhou furioso para o Comissário.

— Eu fui suficientemente claro? – perguntou Valois com o seu tom de voz mais perigoso.

Simonet saltou da cadeira e bateu uma continência apressada.

— Sim, senhor!

— Quando você terá os relatórios?

— Até esta noite.

— Chame-o amanhã e entregue isso para ele – resmungou Valois, enrolando a mensagem novamente no pequeno cilindro.

O Comissário assentiu e guardou o artefato no bolso do casaco. Sabendo que havia sido dispensado, ele se dirigiu à porta. Antes de sair, porém, não resistiu e comentou:

— Espero que saiba o que está fazendo, Major.

Valois suspirou profundamente antes de responder:

— Eu também, Comissário. Eu também...